

# Utopia, terra de hereges?

Hilário Franco Jr.

Universidade de São Paulo (Brasil)

## Resumo

Mesmo sob forma interrogativa, o título deste trabalho pode causar estranheza, pois sabidamente Tomás More morreu pela sua fé católica e definiu-se no seu epitáfio como “haereticis molestus”. Ademais, ele atacou o protestantismo no seu *Responsio ad Lutherum* (1523), aplaudiu a execução de Tomás Müntzer (1525), foi bastante crítico e impositivo em relação à heresia de William Tyndale em obra escrita a pedido do bispo de Londres, *A dialogue concerning heresies* (1529). No entanto, todo esse envolvimento ardoroso parece ter sido decorrência da ruptura luterana, antes da qual o humanista inglês se caracterizara pela tolerância. Há mesmo, à primeira vista, convergências entre certos pontos fundamentais da *Utopia* e certas idéias defendidas por seitas heréticas dos séculos anteriores. Como algumas delas pouco tocaram os territórios britânicos, a constatação daquelas convergências torna-se surpreendente e pede sua confirmação (e nesse caso uma explicação) ou sua infirmação.

## Palavras-chave

Utopia, heresia, cristianismo, Idade Média.

*Hilário Franco Jr.* é historiador, fez bacharelado na USP (1976), doutorado na mesma universidade (1982) e pós-doutorado com Jacques Le Goff na École des Hautes Études en Sciences Sociales (1993). Especialista em Idade Média ocidental, seus interesses estão voltados particularmente para a cultura, a sensibilidade coletiva e a mitologia daquele período, bem como para as reflexões teóricas que fundamentam tais pesquisas. Dedicou-se também à História Social do Futebol. É autor, entre outros, de *Cocanha. Várias faces de uma utopia* (Cotia: Ateliê, 1998) e *As utopias medievais* (São Paulo: Brasiliense, 1992).

Mesmo sob forma interrogativa, o título deste trabalho pode causar estranheza, pois sabidamente Tomás More morreu pela sua fé católica e definiu-se no seu epitáfio como “*haereticis molestus*”.

Ademais, ele atacou o protestantismo no seu *Responsio ad Lutherum* (1523), aplaudiu a execução de Tomás Müntzer (1525), foi bastante crítico e impositivo em relação à heresia de William Tyndale em obra escrita a pedido do bispo de Londres, *A dialogue concerning heresies* (1529)<sup>1</sup>. No entanto, todo esse envolvimento ardoroso parece ter sido decorrência da ruptura luterana, antes da qual o humanista inglês se caracterizara pela tolerância. Há mesmo, à primeira vista, convergências entre certos pontos fundamentais da *Utopia* e certas idéias defendidas por seitas heréticas dos séculos anteriores. Como algumas delas pouco tocaram os territórios britânicos, a constatação daquelas convergências torna-se surpreendente e pede sua confirmação (e nesse caso uma explicação) ou sua infirmação.

De fato, quaisquer que tenham sido os caminhos percorridos, diversas reivindicações heréticas estão presentes na sociedade perfeita imaginada por More<sup>2</sup>. Lembremos uns poucos pontos. Um dos traços mais conhecidos da ilha de Utopia é o comunismo ali praticado e exaltado pelo autor – “minha íntima e inabalável convicção é que as riquezas não poderão ser distribuídas de forma justa e igual e que as coisas humanas não poderão ser administradas de forma feliz se a propriedade privada não for totalmente abolida”<sup>3</sup>. Ao discutir a genealogia dessa idéia, a erudição insiste com razão nas proclamações semelhantes de Platão (autor citado três vezes por More), mas desconsidera outras raízes profundas dela. Nos séculos XI-XIII, a associação de relativa rigidez social com crescimento demográfico e expansão econômica tinha levado vários grupos, taxados de heréticos também por isso, a conceberem uma distribuição mais igualitária das riquezas.

Os habitantes do castelo de Monteforte, no começo do século XI, orgulhavam-se de que “todos nossos bens são possuídos em comum com todos os homens” (*omnem nostram possessionem cum omnibus hominibus communem habemus*). Os cátaros dos séculos XII-XIII defendiam que tudo deve ser comum a todos (*quod non debet possidere nisi in communi Ecclesia Dei nec potest*). Os valdenses dos séculos XII-XV também “tinham tudo em comum” (*omnia sibi communia*). A acentuada inversão da conjuntura, com a crise demográfico-econômica de fins da Idade Média, gerou a mesma reivindicação por parte de outros grupos, dentre os quais os franciscanos espirituais (*nichil habuerunt in proprio nec etiam in communi, quia fuerunt perfecti pauperes in hoc mundo*)<sup>4</sup>. Mais próximos de More estiveram os taboritas que, como os utopianos, praticavam o comunismo de bens, além de um evangelismo absoluto com sacerdócio laico.

A existência deste é natural, já que a Utopia desconhece o sacramento da ordenação. O poder sacerdotal não deriva ali de um bispo, na transmissão contínua que vem desde Cristo, passa pelos apóstolos e através destes aos seus sucessores até o presente histórico. Quando Hitlodeu deixou a ilha, os utopianos estavam dispostos a realizar a eleição de um bispo, mesmo sem ele

<sup>1</sup> O primeiro texto está editado por Louis Martz, Richard Sylvester e Clarence Miller, o segundo por Thomas Lawler, Germain Marc’hadour e Richard Marius, ambos em *The Yale Edition of the Complete Works of St Thomas More* (More, 1969 e 1981, volumes 5 e 6).

<sup>2</sup> Não é sem importância lembrar que da biblioteca pessoal do personagem faziam parte importantes heresiólogos do cristianismo primitivo (Tertuliano, Ireneu, Clemente, Inácio) e medieval (Pedro Mártir, o anônimo *In valdensis de purgatorio*), cf. Prévost, 1969, p. 60, n. 2, nem que nos quatro anos em que viveu na Chartreuse de Londres ele teve acesso a uma biblioteca teológica na qual certamente encontrou outras obras do mesmo tipo.

<sup>3</sup> *Adeo mihi certe persuadeo, res aequali ac iusta aliqua ratione distribui, aut feliciter agi cum rebus mortalium, nisi sublata prorsus proprietate, no posse*: Utopia (T) I, p. 104, linhas 15-18; (Q) I, p. 66, linhas 7-9, cf. ainda (T) I, p. 102,104; II, p. 146, 148, 238-242; (Q) I, p. 65-67; II, p. 94, 156-161. Neste ensaio as citações de Utopia são das duas últimas edições publicadas em vida de More: a terceira, abreviada (T), Basileia, Jean Froben, março de 1518, transcrita por Edward Surtz e Jack Hexter, traduzida por G. C. Richards (More, 1965); a quarta, abreviada (Q), Basileia, Jean Froben, novembro de 1518, reprodução fac-símile e tradução de André Prévost (More, 1978).

<sup>4</sup> Respectivamente, Landolfo Senior, *Historia Mediolanensis*, II, 27, p. 65, linha 44; Herrores heretiquorum, in: Molinier, 1910, p. 215; Walter Map, 1983, I, 30, p. 126; Bernardo Gui, 2006, IV, 5, vol. I, p. 118.

poder receber o caráter sacerdotal de um bispo previamente ordenado<sup>5</sup>. A razão é simples: o poder sagrado dos sacerdotes utopianos é legitimado pela espontaneidade de sua fé, como em várias comunidades heréticas medievais que negavam validade aos atos de sacerdotes impuros. Dentre elas, a mais próxima de More no tempo e no espírito era a dos valdenses, para quem o caráter sacerdotal não provém da ordenação, e sim da virtude, daí a crítica que fizeram às indulgências três séculos antes de Lutero.

O sacerdócio utopiano não é acompanhado pelo tabu sexual que a Igreja católica impunha ao seu clero desde o século XI. Ali os padres são casados<sup>6</sup>, prática defendida em princípios do século XII pelos hereges de Soissons, do XIII pelos amaurianos, do XV pelos adamitas<sup>7</sup>, bem como pelas heresias protestantes que More tanto combateria. Concordância semelhante aconteceu em relação ao sacerdócio feminino, presente no catarismo e no valdismo, nos protestantismos do século XVI. Na sociedade utopiana, as sacerdotisas geralmente eram mulheres velhas e viúvas, da mesma forma que as *perfectae* no catarismo<sup>8</sup>.

A Utopia é sacerdotal (como algumas heresias), mas não sacramental (como a maioria delas). Ela ignora o batismo, como as seitas de Aquitânia, Orléans, Arras, Monteforte, Soissons, Pedro de Bruys, Henrique de Le Mans, Arnaldo de Brescia, como os passaginos, amaurianos, cátaros, esperonitas, valdenses e adamitas. A confissão é feita a laicos, da mesma forma que nas comunidades orleanesa, arrasense, petrobrusiana, henricina, arnaldista, esperonita, cátara, valdense e lolarda. A penitência inexistente, como entre os hereges de Orléans, Arras, Henrique de Le Mans, Amauri de Bène e Hugo Speroni. O matrimônio utopiano é rito social, não religioso, que já havia sido rejeitado pelos hereges da Aquitânia, de Orléans, Arras, Monteforte, Châlons-sur-Marne, Henrique de Le Mans e catarismo.

O minimalismo litúrgico utopiano e herege não prejudicava uma das grandes exigências morais de ambos, a de pureza. Na Utopia não há ociosidade, cabarés, tabernas, prostíbulos, ocasião de libertinagem, antros, encontros secretos<sup>9</sup>. Quase cinco séculos antes os heterodoxos de Monteforte, perto de Turim, tinham proclamado que “louvamos acima de tudo a virgindade” (*virginitatem prae ceteris laudamus*). O notário flamengo Tanchelmo, morto em 1115, havia duramente combatido o casamento de sacerdotes. A elite religiosa dos cátaros (os *bonshommes* ou *perfecti*) frequentemente proclamara seu horror ao casamento: *neminem in coniugio posse salvari exercendo opera coniugalia*, testemunha um texto; *quod matrimonium malum est*, afirma outro; *quando se carnaliter coniungebant mortaliter peccabant*, atesta um terceiro; *matrimoniam carnale fuit semper mortale peccatum*, avalia mais um relato<sup>10</sup>.

O católico More ao imaginar a sociedade ideal sem imagens<sup>11</sup> colocou-se na linhagem de diversas heresias ocidentais iconoclastas. Foi o caso por volta do ano mil dos leutardianos, nas primeiras décadas do século XI dos hereges da Aquitânia, de Arras, de Monteforte e do Périgord, nos séculos XII-XIII dos cátaros. Para escândalo da Igreja católica, o pároco Pedro de Bruys levantou, provavelmente em 1133, uma fogueira de crucifixos em plena Sexta-feira Santa<sup>12</sup>. A negação herética da eucaristia estava, ao menos em parte, nessa mesma linha, já que para muitos medievais

<sup>5</sup> *Utopia* (T) II, p. 218, linhas 15-20; (Q) II, p. 142, linhas 22-25.

<sup>6</sup> *Utopia* (T) II, p. 142, linha 25; (Q) II, p. 91, linhas 16-17.

<sup>7</sup> Guibert de Nogent, 1981, III, 17, p. 430-431; Garnier de Rochefort, 1926, II, p. 12, linhas 28-30; Cohn, 1981, p. 149, 182-183.

<sup>8</sup> *Utopia* (T) II, p. 228, linhas 17-18; (Q) II, p. 228, linhas 17-18; Moneta de Cremona, 1743, IV, II, p. 293.

<sup>9</sup> *Nullus inertiae praetextus, nulla taberna uinaria, nulla ceruisiaria, nusquam lupanar, nulla corruptelae occasio, nulla latebrae, cociliabulum nullum: Utopia* (T) II, p. 146, linhas 16-19; (Q) II, p. 93, linha 26; p. 94, linhas 1-2.

<sup>10</sup> Respectivamente, Landolfo Senior, II, 27, p. 65, linha 39; *Epistola Trajectensis Ecclesiae ad Fridericum episcopum Coloniensem de Tanchelmo seductore*, 2, em *Acta Sanctorum* (1969, junii I, p. 845c); Prepostino de Cremona, 1958, IV, p. 66, linhas 1-2; *Herrores heretiquorum* (in Molinier, 1910, p. 216); *Le registre d'inquisition de Jacques Fournier, évêque de Pamiers* (1318-1325), in Duvemoy, 1965, vol. II, p. 500; Raniero Sacconi, 1974, p. 43, linhas 3-4.

<sup>11</sup> *Nulla deorum effigies in templo conspicitur: Utopia* (T) II, p. 232, linha 11; (Q) II, p. 152, linhas 16-17. Diante dos ataques de Tyndale, porém, More defenderá as imagens alegando o lado emocional e pedagógico delas, cf. *A dialogue concerning heresies*, 1981, I, 3, p. 51-59.

<sup>12</sup> Pedro, o Venerável (1968, p. 67, linhas 6-10).

a hóstia é imagem do Cristo e para o valdismo a missa, na qual ocorre a transubstanciação, fica reduzida apenas a uma rememoração teatralizada da Última Ceia<sup>13</sup>, como entenderia o calvinismo do qual fora precursor e ao qual aderiria em 1532.

Embora seu catolicismo impossibilitasse aceitar a metempsicose dos cátaros, Tomás More não deixa de atribuir aos utopianos uma prática semelhante à *endura* (termo occitano para “privação”, “jejum”) daqueles hereges. Esta, surgida em fins do século XIII no sul francês, era uma espécie de suicídio ritual no qual o doente terminal deixava-se morrer por inanição. Na versão da *Utopia*, quando o doente não tem esperança de cura e para ele viver é duro, está “autorizado a se evadir dessa vida que é um flagelo ou então a permitir que outras pessoas o livrem dela; [alguns] se deixam morrer de fome ou são adormecidos e liberados sem mesmo sentir que morrem. [...] Morrer assim, aconselhado pelos padres, é aos olhos deles ato de santa piedade”<sup>14</sup>. O ponto de partida da convergência dessas visões é que a alma se encontra sempre na prisão (*carcere*) de um corpo, seja humano, seja animal<sup>15</sup>. De fato, More aceita a existência de alma nos animais<sup>16</sup>, observando contudo que ela não tem a mesma dignidade da alma humana e não está destinada à mesma felicidade que a dos homens<sup>17</sup>, posição próxima à dos cátaros, para quem a alma passa de corpo em corpo e enquanto estiver alojada em animal encontra-se mais afastada da salvação já que somente o ser humano pode receber o batismo de fogo que salva (*consolamentum*). Há, entretanto, diferença importante: enquanto os utopianos não estão proibidos de matar animais, o que consideram, porém, tarefa inferior, realizada por gente inferior, os cátaros “perfeitos” estavam absolutamente proibidos de matar, exceto ratos, serpentes e sapos<sup>18</sup>. Na Idade Média muitos hereges foram executados por não se submeterem à prova de ortodoxia que representava matar uma galinha: foi o que ocorreu, por exemplo, em 1051, em Goslar, ou em 1247, no sul francês<sup>19</sup>.

Diante disso tudo, não surpreende que a visão pessimista que a *Utopia* tinha da humanidade (embora Edward Surtz chame a obra de More de “creation of a superlative optimism”)<sup>20</sup> fosse a mesma das comunidades heréticas medievais. Por não ver qualquer possibilidade de remissão dos pecados depois da conversão, a seita de Arras foi definida pelo bispo Geraldo de Cambrai como doutrina do desespero (*desesperationis foveam corruiat*). Por acreditarem na maldade inerente à matéria, os cátaros pensavam que o ser humano tinha sido criado não pelo Deus do Bem, e sim pelo Deus do Mal<sup>21</sup>. Por negarem o crucifixo, vários grupos heréticos negaram a Encarnação e, por conseqüência, o conceito do homem feito à imagem de Deus. Embora no senso comum toda construção utópica seja interpretada como manifestação de otimismo, de confiança nas virtudes humanas, de esperança em futuro melhor, elas revelam justamente o contrário, desencanto com o presente e ceticismo em relação à possibilidade de invertê-lo.

Esse dado transparece, aliás, já no título da obra moreana, seja na sua primeira formulação em latim (*Nusquam*), seja na definitiva em grego (*Utopia*). Ambas com o mesmo sentido de inalcançabilidade do espaço descrito – “lugar nenhum”. Não muito diferente, portanto, da sociedade

<sup>13</sup> Alain de Lille, *De fide catholica contra haereticos sui temporis praesertim Albigenses*, II, 10, PL 210, col. 386-387.

<sup>14</sup> *Utopia* (T) II, p.186, linhas 5-16; (Q) II, p.120, linhas 8-14.

<sup>15</sup> Bozóky, 1980, p. 82, ms V linha 237, ms D linha 220; *Utopia* (T), II, p.186, linha 12; (Q), II, p.120, linha 9.

<sup>16</sup> *Utopia* (T) II, p.170, linhas 19-20; II, p.138, linhas 13-18; II, p.222, linhas 17-18; (Q) II, p.109, linha 14; II, p.88, linhas 19-22; II, p.145, linhas 20-21.

<sup>17</sup> *Utopia* (T) II, p.222, linhas 18-19; (Q) II, p.145, linhas 21-23.

<sup>18</sup> Bernardo Gui, 2006, I, 4, vol. I, p. 24-25; Duvemoy, 1965, vol. III, p. 221.

<sup>19</sup> Anselmo de Liège, II, 64, p. 228, linha 26; Duvemoy, vol. I, p. 221.

<sup>20</sup> More, 1965, “Introduction. Part II”, p. CLV.

<sup>21</sup> *Acta Synodi Atrebatensis*, 8, PL 142, col.1296 c; Ermengaldo de Béziers, *Opusculum contra haereticos*, 1, PL 204, col.1235a.

sonhada pelos hereges albigenses, que se localizaria em uma *terram novam et invisibilem*<sup>22</sup>. Após anunciar seu texto com aquele título revelador do caráter onírico, não propositivo, da sociedade utopiana, Tomás More a poucas páginas do fim do livro I insiste que “as coisas não podem ser todas perfeitas, pois nem todos os homens o são, e não espero ver isso acontecer no futuro”<sup>23</sup>. O eco prolongado dessa idéia está nas três últimas linhas do livro II, e portanto da obra, que se fecha com uma declaração (do autor, não do personagem que descreve a Utopia) explícita do desalento: “reconheço de boa vontade que existem na república utopiana muitas coisas que eu desejaria ver nas nossas terras, coisas que desejo, mais do que espero”<sup>24</sup>.

Pode-se, então, atribuir um espírito herético, mesmo que inconsciente, a Tomás More? Qualquer resposta taxativa seria temerária. É preferível pensar em uma nebulosa de religiosidade profunda, não formal, não institucional, da qual faziam parte tanto certas correntes católicas (caso do franciscanismo, pelo qual More se sentia atraído) quanto a maioria das seitas heréticas. O âmago dessa religiosidade no Ocidente foi o mesmo desde o século XI - o evangelismo de Leutardo de Vertus, dos hereges de Arras, do Périgord e de Soissons, de Pedro de Bruys, do catarismo, do valdismo, de Geraldo Segarelli, de Lutero, de Tyndale, da *Utopia*. Não é mero detalhe More tê-lo considerado o maior motivo da adesão dos utopianos ao cristianismo<sup>25</sup>. Para ele o evangelismo é forma de humanismo, o humanismo forma de evangelismo, talvez a forma suprema. É pensando nesse denominador comum que More propõe respeito a todas as idéias religiosas (*nihil enim sollicitius observant quam ne temere quicquam ulla de religione pronuncient*) e afirma que na sociedade perfeita existem diversas religiões e tolerância de umas em relação às outras. Quando um utopiano convertido ao cristianismo e excessivamente zeloso critica publicamente as demais crenças e proclama a superioridade da sua fé (*nostra modo sacra caeteris anteferet*), é julgado, condenado e exilado por desrespeito à tolerância<sup>26</sup>.

Não é casual que a descrição dos utopianos termine pela religião, pois é este elemento que articula a vida política, econômica, social, cultural e moral da sua sociedade. Mais do que de uma religião, conjunto articulado de crenças e de dogmas, trata-se na verdade da descrição de uma espiritualidade profunda. A mesma que na Idade Média permitira fatos como, em 1226, o de um cátaro de Castelnaudary, no Aude, que ao ficar doente em Narbonne e ao não encontrar *perfecti* do Toulousain que lhe dessem assistência espiritual adequada, apenas heréticos em quem por alguma razão não confiava, preferiu ingressar no mosteiro cisterciense de Boulbonne<sup>27</sup>. A espiritualidade dos utopianos é ainda a mesma dos humanistas do século XVI. Tyndale, por exemplo, considerava importante a angústia da fé, argumentando que o fiel deve ter “em si a sensação viva e contínua do mal, a fim de jamais se orgulhar daquilo que, nele, é maior do que ele”, obsessão próxima àquela que os cátaros tinham experimentado em relação à questão do Mal, central na sua cosmovisão<sup>28</sup>. Em carta de 19 de fevereiro de 1518, portanto posterior ao rompimento com Roma, Lutero afirma ao prior de Erfurt, Johann Lang, que aguardava a anunciada terceira edição da *Utopia*, que queria ler<sup>29</sup> provavelmente por confluência espiritual, embora não dogmática.

<sup>22</sup> Pedro des Vaux-de-Cernay, 1926, I,11, p. 11.

<sup>23</sup> *Nam ut omnia bene sint, fieri non potest, nisi omnes boni sint, quod ad aliquot abhinc annos adhuc non expecto:* (T) I, p. 100, linhas 2-3; (Q) I, p. 61, linhas 23-25.

<sup>24</sup> *Ita facile confiteor permulta esse in Vtopiensium republica, quae in nostris ciuitatibus optarim uerius, quam sperarim:* (T) II, p. 246, linhas 1-2; (Q) II, p. 162, linhas 3-5.

<sup>25</sup> *Utopia* (T) II, p. 218, linhas 5-8; (Q) II, p. 142, linhas 11-14. Se Hitlodeu rejeita a Idade Média ao valorizar a Antiguidade e o Renascimento, como pensa BejczyEJCZY (1994, p. 29-42), temos nisso outra aproximação da obra de More com as heresias medievais que, também elas, negavam seu próprio tempo (aquele que ficaria conhecido como “Idade Média”) repropoando uma volta ao cristianismo antigo.

<sup>26</sup> *Utopia* (T) II, p.226, linhas 15-17, p.216, linhas 7-8, p.218, linhas 23-30; (Q) II, p.148, linhas 19-21, p.140, linhas 24-25, p.143, linhas 6-7 e 10-13.

<sup>27</sup> Biblioteca Municipal de Toulouse, ms.609, fol.250v-251r, citado por Duvernoy, 1976, p. 107, n. 9.

<sup>28</sup> A citação de Tyndale foi extraída de Prévost, 1969, p. 296. Sobre a importância do Mal no catarismo, além de Duvernoy, 1976, Roquebert, 2001.

<sup>29</sup> 1930, 60, vol. I, p. 148, linha 15 (*cupio videre*).

Enfim, é preciso atenção para a espiritualidade profunda do século XVI, bem menos maniqueísta do que o conflito ideológico entre Reformas Protestantes e Reforma Católica parece indicar. Era naquela grande fonte que bebiam os mais importantes pensadores dos dois campos, era dela que saíam santos, místicos, reformadores e hereges. Foi ali que More encontrou material inspirador para uma das obras fundadoras da Modernidade.

### Referências

- Acta Sanctorum*, junii I. Bruxelas: Culture et Civilisation, reed. 1969.
- Acta Synodi Atrabatensis*.
- ALAIN DE LILLE. *De fide catholica contra haereticos sui temporis praesertim Albigenses*.
- ANSELMO DE LIÈGE. *Gesta episcoporum Tungrensium, Traiectensium et Leodiensium*. Ed. Rudolf Koepke. MGH.SS 7.
- BEJCZY, István. L'utopie et le Moyen Age: la purgation de l'histoire. In: *Moreana*, 31, 1994.
- BERNARDO GUI. *Manuel de l'inquisiteur*. Ed.-trad. Guillaume Mollat. Paris : Les Belles Lettres, 2006.
- BOZÓKY, Edina (ed.-trad). *Le livre secret des cathares. Interrogatio Iohannis, apocryphe d'origine bogomile*. Paris: Beauchesne, 1980.
- COHN, Norman. *Na senda do milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média* [1957]. Lisboa: Presença, 1981.
- DUVEMOY, Jean (ed.). *Le registre d'inquisition de Jacques Fournier, évêque de Pamiers (1318-1325)*. Toulouse : Privat, 1965.
- DUVERNOY, Jean. *La religion des cathares*. Toulouse: Privat, 1976.
- ERMENGALDO DE BÉZIERS. *Opusculum contra haereticos*.
- GARNIER DE ROCHEFORT. *Contra amaurianos*. Ed. Clemens Baemker. *Beiträge zur Geschichte der Philosophie des Mittelalters*, Münster, 24, 1926.
- GUIBERT DE NOGENT. *Autobiographie*. Ed.-trad. Edmond-René Labande. Paris: Les Belles Lettres, 1981.
- LANDOLFO SENIOR. *Historia Mediolanensis*. Ed. Ludwig Conrad Bethmann e Wilhelm Wattenbach, MGH.SS 8.
- LUTERO. *Briefwechsel*. Weimar : Hermann Böhlau, 1930 (D. Martin Luthers Werke Kritische Gesamtausgabe).
- MOLINIER, Charles (ed.). *Herrores heretiquorum*. In: "Un texte de Muratori concernant les sectes cathares". *Annales du Midi*, Toulouse, 22, 1910.
- MONETA DE CREMONA. *Adversus catharos et valdenses*. Ed. Tommaso Agostino Ricchini. Roma: Nicolau e Marco Palarini, 1743.

- MORE, Thomas. *Utopia*. In: *The Complete Works of St. Thomas More*, vol. 4. Ed. by E. Surtz and J.H. Hexter. New Haven: Yale University, 1965.
- MORE, Thomas. *Translations of Lucian*. In: *The Complete Works of St. Thomas More*, vol. 3, part I. Ed. by Craig R. Thompson. New Haven and London: Yale University Press, 1974.
- MORE, Thomas. *Responsio ad Lutherum*. In: *The Complete Works of St. Thomas More*, vol. 5. Ed. by Louis Martz, Richard Sylvester e Clarence Miller. New Haven and London: Yale University Press, 1969.
- MORE, Thomas. *L'Utopie*. Présentation, texte original, apparat critique, exégèse, traduction et notes de André Prévost. Paris: Mame, 1978.
- MORE, Thomas. *A dialogue concerning heresies*. In: *The Complete Works of St. Thomas More*, vol. 6. Ed. by Thomas Lawler, Germain Marc'hadour e Richard Marius. New Haven and London: Yale University Press, 1981.
- PEDRO, O VENERÁVEL. *Contra petrobrusianos*. Ed. James Fearnas. Turnhout: Brepols, 1968 (CCCM 10).
- PEDRO DES VAUX-DE-CERNAY. *Hystoria Albigensis*. Ed. Pascal Guébin e Ernest Lyon. Paris : Honoré Champion, 1926.
- PREPOSTINO DE CREMONA. *Summa contra haereticos*. Ed. Joseph Garvin e James Corbett. Notre Dame (Indiana): University of Notre Dame Press, 1958.
- PRÉVOST, André. *Thomas More et la crise de la pensée européenne*. Lille: Mame, 1969.
- RANIERO SACCONI. *Summa de catharis et leonistis seu pauperibus de Lugduno*. Ed. François Sanjek, *Archivum Fratrum Praedicatorum*, Roma, 44, 1974.
- ROQUEBERT, Michel. *La religion cathare. Le Bien, le Mal et le Salut dans l'hérésie médiéval*. Paris : Perrin, 2001.
- WALTER MAP. *De nugis curialium*. Ed.-trad. Montague Rhodes James. Oxford: Clarendon, 1983.

